Relações Líquidas no Cotidiano do Ensino Superior: Uma análise das relações entre professores e alunos.

Liquid Relations in the daily life of higher education: an analysis of the relations between teachers and students.

Ma. Mariana Domitila Padovani Martins[1]

Dra. Eliete Jussara Nogueira[2]

Resumo

O objetivo desse trabalho é apresentar uma temática reflexiva e alguns dos resultados parciais de uma pesquisa de Doutorado em andamento. Neste estudo entende-se que o cotidiano do Ensino Superior, movimenta-se numa sociedade que reconhece como indivíduo aquele que tem "o poder de consumo" e como "o estranho, inadequado ou mesmo invisível", aquele que não o tem. Uma sociedade de consumo, onde a promessa de satisfação permanece sedutora enquanto o desejo não é realizado. Deste modo, propôs-se explorar as perspectivas sobre a Educação, mais especificamente sobre o Ensino Superior frente os desafios deste ciclo contemporâneo denominado por Zygmunt Bauman de Modernidade Líquida. Buscamos rastros e indícios discursivos e comportamentais dos efeitos deste cotidiano, por meio de análise das narrativas formais e informais de professores e alunos, separadamente e entre eles, protagonistas de determinadas turmas e cursos da Universidade de Sorocaba (SP/Brasil), que foram selecionados aleatoriamente entre março e maio de 2017.

[1] Ma. Mariana Domitila Padovani Martins. Prof.ª Mestra em Comunicação e Cultura nos Programas de Graduação e Pós-graduação da Universidade de Sorocaba/UNISO e FGV. Doutoranda em Educação na UNISO. Brasil. E-mail: mariana.domitila@gmail.com.

[2] Dra. Eliete Jussara Nogueira. Psicóloga e Doutora em Educação pela UNICAMP. Prof.ª Dra. Titular do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Sorocaba/UNISO. Brasil. E-mail: eliete.nogueira@prof.uniso.br.

Palavras-chave: Ensino Superior. Relações Líquidas. Inclusão. Professores. Alunos.

INTRODUÇÃO

A Modernidade Líquida, definida por Zygmunt Bauman, apresenta desafios para a educação. Entre eles as relações no cotidiano escolar do Ensino Superior, dado que entre algumas características temos a fluidez das relações pessoais e as certezas antes básicas na educação que agora passam por modificações e novas descobertas cada vez mais rápidas e que são vivenciadas e incorporadas pelos alunos, por meio, muitas vezes das tecnologias.

Tais condições, podem levar os indivíduos a situações de inclusão e também podem fazê-los sentir a pressão das tecnologias da informação, com respostas rápidas e completas, carregando o estereótipo de modelos ideais, na busca de atualizar-se de forma rápida e conectada. O estudante do Ensino Superior pode aligeirar-se nas conclusões e o desenvolvimento do pensamento crítico pode ser afetado, quando se sentir desatualizado.

Eis que novas perguntas surgem: Como o professor pode ensinar e se relacionar com alunos envolvidos na lógica da tecnologia e do consumo? Como a tecnologia pode afetar esse processo? Como ter um processo inclusivo no ensino superior? Como são os diálogos relacionais já existentes entre professores e alunos e como esses diálogos ou relações afetam, e se afetam o processo educacional?

Por meio das características da Modernidade Líquida, entende-se que o cotidiano do Ensino Superior, movimenta-se numa sociedade que reconhece como indivíduo aquele que tem “o poder de consumo” e como “o estranho, inadequado ou mesmo invisível”, aquele que não o tem. Uma sociedade de consumo, onde a promessa de satisfação permanece sedutora enquanto o desejo não é realizado. Uma sociedade com indivíduos-clientes, em muitas circunstâncias.

Inspirado pela perspectiva do filósofo do século XIX, Ralph Waldo Emerson[3], e consequentemente por sua frase: "Quando se patina sobre o gelo fino, a segurança está na velocidade", Bauman, desenvolve o conceito de Modernidade Líquida e Sólida através da Metáfora do Líquido, dizendo que: "O que os distingue dos sólidos [...] é que eles não podem suportar uma força tangencial ou deformante quando imóveis e assim sofrem uma constante mudança de forma quando submetidos a tal tensão." (Bauman, 2001, p.07). Portanto, para Bauman (2007, p.07), Modernidade Líquida seria "uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir."

Bauman (2008, p. 20), reforça que "na sociedade de consumidores, ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria, e ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável."

Uma sociedade de indivíduos que consomem outros indivíduos e que também descartam facilmente esses indivíduos consumidos. E mudando de posição, é evidente que o sujeito ora é consumidor, ora é mercadoria, ou seja, produto, ou mesmo serviço, passível também de descarte ou exclusão. Algo, paradoxalmente aterrorizante dentro do contexto da Modernidade Líquida, onde ser aceito e pertencer a grupos também é sinônimo de valor.

Por conseguinte, o Ensino Superior parece apresentar alguns desafios quando se observa certos comportamentos de professores e alunos no cotidiano escolar (dentro e fora das universidades e faculdades, públicas ou privadas). Consequentemente e necessariamente,

[3] Filósofo estadunidense (1803-1882) criador da escola transcendentalista. Buscou de forma lírica e lógica a independência espiritual do homem. Seu pensamento foi marcado por paradoxos brilhantes e por aforismos lacônicos e enérgicos. Fonte: EMERSON, Ralf Waldo. Ensaios. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix. p.11-33: O intelectual americano.

para a realização destas práticas cotidianas se estabelece, naturalmente, variados tipos de relações com possíveis efeitos empáticos ou conflituosos, entre professores e alunos.

Pode-se dizer que muitas vezes tais relações estão baseadas na visão de negociação e consumo, o que em partes também gera sensação de autopoder, no sentido de controle de escolhas, ações, opiniões e porque não dizer, voz ativa. Além dos efeitos do controle de expressões e ações possibilitadas por comunicação verbal ou mesmo não verbal, percebe-se relações de consumo do corpo, do conhecimento, do tempo, do espaço, dos processos, etc. Também da construção e desconstrução deste corpo, enquanto sujeito social, pessoal e profissional. Uma via de duplo sentido da subjetividade, num processo de subjetivação e de dessubjetivação dos protagonistas do Ensino Superior. Professores e alunos contemporâneos apresentam-se em diversas rotinas durante o ensino aprendizagem, lidando, aceitando ou debatendo com "regras" diretas ou indiretas advindas de um contexto formal ou informal do próprio ensino.

Um mundo de incertezas e possibilidades, ora atraentes, ora assustadoras, para aqueles que por alguns momentos, ou instantes**,** desejam algum tipo de segurança. Um momento propício para a busca e construção do conhecimento – mesmo sem entender qual, como, porque e para que se busca. Um mundo onde tal conhecimento tem prazos cada vez mais curtos de validade equiparando-se a um produto ou serviço. Portanto, um momento num mundo líquido que muitas vezes se depara com espaços sólidos.

Essa pesquisa buscou entender as possíveis relações líquidas e de consumo que possam existir no cotidiano do Ensino Superior, onde o professor seria o prestador de serviço e o aluno o consumidor deste serviço, muitas vezes denominado Conhecimento. Uma ideia que demonstra a existência de uma realidade infeliz para os pressupostos da Educação enquanto "processo de construção do conhecimento" quando desenvolvida a partir de relações mais humanas e desprendidas de quaisquer interesses empresariais, por exemplo.

Assim, dentro desta perspectiva, cabe reflexões frente os seguintes questionamentos: - O professor é intérprete ou prestador de serviço? E o aluno? Como ele se posiciona frente o professor? Ele é diferente, mais ou menos do que aquele que o "ensina"? É cliente, consumidor? Ou de fato seria um aluno diferenciado pelos amplos sentidos deste termo num novo contexto, ainda em processo, denominado de Contemporâneo, ou Sociedade do espetáculo, ou Pós-Modernidade, ou ainda Modernidade Líquida, segundo Zygmunt Bauman (2007)? Uma Modernidade leve e fluida, muito mais dinâmica, que causou profundos impactos em todos os aspectos da vida humana.

> Líquido-moderna é uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir. A liquidez da vida e a da sociedade se alimentam e se revigoram mutuamente. A vida líquida, assim como a sociedade líquido moderna, não pode manter a forma ou permanecer em seu curso por muito tempo. (Bauman, 2007, p.07).

Quem é este aluno e quem é este professor? Como se sentem e se auto afirmam no cenário proposto e como se relacionam entre si? Consequentemente, se, e no que isso poderia influenciar durante o processo de construção do conhecimento no cotidiano escolar do Ensino Superior?

Os questionamentos anteriores refletem parte da intenção de pesquisa deste trabalho, que tem por objetivo explorar os novos tipos de relações interpessoais que estão ocorrendo e os que ainda estão por vir, assim como buscar entender melhor as relações de consumo que parecem existir dentro do cotidiano do Ensino Superior. Ao mesmo tempo, procura analisar e compreender as relações estabelecidas no passado identificando os momentos e dispositivos de consumo por parte dos alunos e professores. Por fim, comparar e talvez, até mesmo, concluir que passado e futuro, na verdade, misturam-se na contemporaneidade, o que resultaria em efeitos aparentemente negativos, ou positivos, para o desenvolvimento da educação e seus protagonistas. E ainda analisar no que isso poderia acarretar. Quais os

prejuízos e benefícios para o cotidiano escolar, tanto na visão do aluno quanto na visão do professor?

> A história da educação conheceu muitos momentos críticos nos quais ficava evidente que premissas e estratégias já testadas e aparentemente confiáveis não davam mais conta da realidade e exigiam revisões e reformas. Contudo, a crise atual parece ser diferente daquelas do passado. Os desafios do presente desferem duros golpes contra a própria essência da ideia de educação, tal como ela se formou nos primórdios da longa história da civilização: eles questionam a educação que resistiu a todos os desafios passados e emergiram intactas de todas as crises anteriores; os pressupostos que antes nunca haviam sido colocados em questão e menos ainda encarados como se já tivessem cumprido sua missão e necessitassem de substituição. (Bauman, 2010, p. 40).

Um momento, talvez, mais de aprender do que de ensinar, ou apreender a desaprender, mais de observar e testar do que escolher e determinar. Um momento composto por fragmentos de outros fragmentos de momentos. Leve e fluído, com valores diversificados e frágeis a ponto de não valerem tanto como pensavam valer e certamente, um momento cheio de dispositivos interessantes a serem estudados e reaplicados ou adaptados e repensados no cotidiano escolar. Momento líquido que nasce do próprio cotidiano e transforma-se com e para ele. A questão é: - Será que seus protagonistas têm consciência disso? E ainda, será que de fato o cotidiano escolar é regido por pensamento “Líquido”, ou é “Sólido”, com regras e procedimentos não adaptados ao ritmo intenso e veloz da Modernidade Líquida? E como ficam as relações interpessoais pautadas no consumo do conhecimento, espaço, tempo, título acadêmico e até mesmo de pessoas?

São várias as questões, as hipóteses e percepções, simplesmente fluídas e líquidas, soltas no tempo e espaço desta pesquisa, relacionadas ao desenvolvimento da tese de doutorado em andamento, já mencionada anteriormente nesta explanação. Um conjunto de questões, que por sua vez, consequentemente, também se faz líquido, pois não traz certezas, mas sim

fragmentos de pensamentos e hipóteses resultantes de leituras e observações, índices ou rastros das práticas do cotidiano escolar no Ensino Superior.

APRESENTAÇÃO DAS HIPÓTESES

Se estamos diante de um período líquido, pressupõe-se que isso afeta ou afetará a escola, e consequentemente, o Ensino Superior – enquanto espaço de construção do conhecimento. Assim, como podemos detectar que essa liquidez chegou na escola, afetou seu cotidiano e suas práticas? Afetou mesmo? E se afetou, para quem e a partir de que perspectiva? E de que modelo de escola estamos falando? Como é a escola de Ensino Superior na Modernidade Líquida?

Hipótese 1: Afetou a ponto, por exemplo, das relações interpessoais e educacionais (dentro e fora de sala de aula, e especificamente em volta do contexto ensino aprendizagem) terem suas bases pautadas nas relações de consumo.

A hipóteses 1 levaria à hipótese 2: Teríamos uma Escola Sólida para um Mundo Líquido. Ou seja, teríamos instituições de Ensino Superior com programas sólidos para alunos e professores líquidos. Isto geraria um anacronismo e este poderia ser estratégico dentro do viés capitalista. Resultaria numa questão de viver o conhecimento como experiência superficial, frágil e efêmera. Por sua vez, isso traria a sensação da solidez por parte das instituições, como atrativo mercadológico, para na verdade, fragmentar, flexibilizar, superficializar o conhecimento e assim gerar mais rapidamente satisfação do consumidor (cliente-aluno, que talvez entenda e perceba como aprender o ato de simplesmente entender rapidamente e adquirir o título advindo do estudo praticado).

E assim, a hipótese 2 levaria à hipótese 3: A Educação hoje, estaria pautada nas relações de consumo, onde o professor bom é aquele que consegue atingir a satisfação do

aluno que é um consumidor de “felicidade” (ou seja, a conquista do título almejado, por exemplo). Portanto, sugerindo que a aula deve ser prática e leve. Deve ser “feliz”. As identidades estariam se reconstruindo frente este contexto líquido, a ponto de consumirmos, não simplesmente “conhecimento”, mas também pessoas. E, da mesma forma que os consumimos, os descartaríamos rapidamente. Estaria a Educação hoje pautada na ausência de verdades absolutas ou universais, numa presença constante de “achismos”, ou mesmo em depoimentos dos consumidores satisfeitos ou não - os alunos. Seria está uma visão de empoderamento das subjetividades e efemeridades dos protagonistas do Ensino Superior.

METODOLOGIA

Propôs-se explorar as perspectivas sobre a Educação frente os desafios da Modernidade Líquida, buscando rastros e indícios discursivos e comportamentais, por meio de análise das narrativas formais e informais de professores e alunos, coletadas em diário de campo, selecionados aleatoriamente entre março e maio de 2017, com um total de 6 turmas, contendo aproximadamente 30 alunos cada uma, dos cursos de: Administração, Comércio Exterior e Relações Públicas da Universidade de Sorocaba (SP/Brasil).

Além do diário de campo foi realizado em sala de aula um debate motivado por perguntas como: O que é uma boa aula e um bom professor? Quem são os professores e os alunos contemporâneos e quais são seus objetivos em sala? Professores e alunos podem ser amigos?

A partir dos dados coletados em forma de narrativas, identificou-se três categorias que ainda necessitam de maior aprofundamento e análise; classificadas neste trabalho como a Tríade das Relações Docentes e Discentes. São elas:

1ª Relação: "Professor Gestor e Aluno Colaborador", onde professor e aluno, percebem a relação como se estivessem num contexto organizacional e não educacional.
2ª Relação: "Professor Prestador de Serviço e Aluno Consumidor", onde professor e aluno, percebem a relação como processo comercial de trocas.
3º Relação: "Professor Pessoa e Aluno Pessoa" (*online e off-line*), onde professor e aluno, percebem a relação ancoradas em alguns valores humanos e consideram as diferenças individuais.

Este trabalho é uma Pesquisa Participante, definida aos moldes de Demo (2000) com metodologia baseada no Paradigma Indiciário de Ginzburg (1983).

A pesquisa participante contempla discursos e práticas de pesquisa qualitativa em ciências humanas - matrizes e modelos de pesquisa reivindicam o termo que, historicamente, foi se transformando em tendências ou linhas teóricas. Assim, o termo participante propõe a controversa penetração de um pesquisador num campo de investigação. Esse campo pode ser formado pela vida social e cultural de um outro, próximo ou distante, que é motivado a participar da pesquisa investigativa na qualidade de informante, colaborador ou interlocutor.

Norteando e funcionalizando essa pesquisa, o paradigma indiciário possibilitou identificar rastros característicos destas relações e percepções investigadas.

Segundo Ginzburg (1983), ainda que as raízes do método indiciário remontem ao início da atividade intelectual do homem, seu desenvolvimento mantém estreitos vínculos com a tendência à criminalização da luta de classes surgida das relações de produção capitalistas. A emergente necessidade do Estado de controlar a todos e a cada indivíduo é também um instrumento para dissolver as cortinas de fumaça da ideologia. Ginzburg é fascinado pela investigação aos moldes de uma investigação quase criminal, que desvenda o mistério baseado em indícios imperceptíveis para a maioria das pessoas.

Este trabalho, portanto, é resultado de uma pesquisa preocupada em identificar índices ou mesmo rastros característicos da Modernidade Líquida que de alguma maneira expressam ou representam os possíveis tipos de relações entre professores e alunos no cotidiano do Ensino Superior.

APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES

Os resultados preliminares apontam a tendência nas relações interpessoais entre professores e alunos, cada vez mais líquidas e modeladas aos formatos mercantilistas, com regras de trocas, mas também em alguns momentos com valores e necessidades de humanização e considerações sobre as singularidades presentes em cada um (professor e aluno).

Durante as observações anotadas em diário de campo e os encontros em sala de aula pode-se identificar, analisar e interpretar narrativas como:

a) **Sobre uma boa aula:** "Aquela que é prática e que passa rápido! / "Quando a gente nem percebe que o tempo passou." / "Com dinâmicas em sala" / "Quando existe humor e atrativos como vídeos, atividades em grupo, etc." / "Uma boa aula é aquela onde é possível entender de forma simples os conteúdos." Quando o que se aprende em sala é aquilo que vivemos na realidade." / "Boa aula é aquela com inserção de tecnologia e conteúdo de ponta."/ "Aquela que podemos falar também!"

b) **Sobre um bom professor:** "Professor bom é aquele que sabe dar aula de forma dinâmica." / "Professor bom é aquele que sabe satisfazer a necessidade dos alunos." / "Um bom professor sabe vender bem a imagem da aula." / "O bom professor é aquele que é humilde." / "Um bom professor é aquele com grandes títulos e que atua no mercado de trabalho." / "É um profissional que oferece um serviço de qualidade, onde poucos alunos ou nenhum são reprovados." / É aquele

que prende a atenção dos alunos de forma divertida e dinâmica." / "Aquele que escuta o que o aluno pensa." / "Um professor que sabe controlar a sala de aula."

c) **Narrativas de alguns professores:** "Eu não dou aula. Eu vendo aula." / "O aluno pensa que é esperto, mas quero ver no dia da prova." / "Meu objetivo é que o aluno aprenda do modo certo." / "O celular atrapalha a aula." / "Alguns alunos não sabem o que estão fazendo aqui." / "Eu trabalho desta forma há vários anos e sempre deu certo." / Um dia uma aluna foi no Procon para reclamar da nota que dei a ela." / "É desgastante demais. Não há tempo para inovações, pois são muitas as burocracias que temos que preencher. O semestre passa muito rápido." / Não adianta, os alunos não acompanham." / "Aquele aluno é um chato, pois está sempre fazendo perguntas."

d) **Narrativas de alguns alunos:** "Não vejo a hora que acabe a faculdade." / "Tem coisas que não consigo entender porque sou muito burro." / "Não aguentamos o professor falando 4 horas direto." / "Eu pago a faculdade, tenho meus direitos." / "Nós pagamos o salário do professor, portanto, temos que receber uma aula de qualidade." / "Não temos tempo para tanta leitura." / "O professor X e a professora Y são muito gente boa, e a aula é fácil. Além disso saem com a turma no final da noite."/ "Receber o conteúdo por WhatsApp e ter o WhatsApp dos professores facilita muito."

Assim, após análise das narrativas anteriores, entre outras; na tentativa de exemplificar as possíveis relações entre aluno e professor dentro e fora da sala de aula (considerando o "fora" o próprio espaço da instituição de ensino, em outro espaço físico e também em espaços digitais e virtuais) durante o processo de aprendizagem no semestre do Ensino Superior, escolhe-se denominar como "Tríade das Relações Docentes e Discentes" o conjunto hipotético abaixo apresentando, pois conjectura-se que ambas estejam interligadas ou mesmo ocorram no mesmo momento por diversos motivos.

1ª Relação: Professor GESTOR e Aluno COLABORADOR

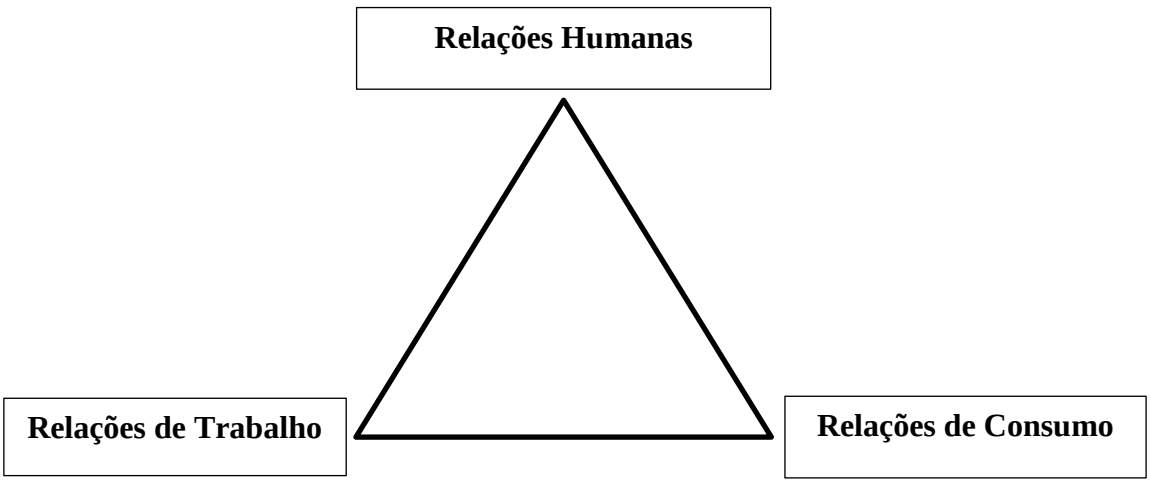
Onde professor e aluno, ou um ou outro, dependendo do momento, percebem a relação como se estivessem num contexto organizacional e não educacional.

2ª relação: Professor PRESTADOR DE SERVIÇO e Aluno CONSUMIDOR

Onde professor e aluno, ou um ou outro, dependendo do momento, percebem a relação como se estivessem num contexto de negociação comercial e não educacional.

3º Relação: Professor PESSOA e Aluno PESSOA.

Onde professor e aluno, ou um ou outro, dependendo do momento, percebem a relação de diversas formas, porém ancoradas em alguns valores humanos, pois são mais naturais e aparentemente sem regras. Encarando o contexto como educacional, com num modelo "diferente" para algumas gerações mais antigas, por exemplo, e "normal" para as mais recentes.



*Fonte: desenvolvido pelos autores.

As duas primeiras relações, que seriam a base da tríade, estariam pautadas na sociedade de consumo, pois as relações de trabalho teriam por objetivo final, também lucrar e vender.

Uma vez que na contemporaneidade aquilo que é conhecido e compreendido, aceitável e funcional no ontem, pode ser dispensável no hoje e bastante necessário no amanhã, não se faz importante determinar, mas talvez, observar e perceber de formas diferentes o mesmo objeto de estudo. “Num mundo como este, o conhecimento é destinado a perseguir eternamente objetos sempre fugidios que, como se não bastasse, começam a se dissolver no momento em que são apreendidos”. (Bauman, 2010, p.45).

> A capacidade de durar não joga mais a favor das coisas. Dos objetos e dos laços, exige-se apenas que sirvam durante algum tempo e que possam ser destruídos ou descartados de alguma forma quando se tornarem obsoletos - o que acontecerá forçosamente. Assim, é preciso evitar a posse de bens, em particular daqueles que duram muito e que não são descartáveis com facilidade. (Bauman, 2010, p. 42).

Percebe-se que o perfil generalizado dos sujeitos pós-modernos, ou mesmo o possível quadro de características desses professores e alunos líquidos, apresenta-se bastante variado e com praticamente nenhuma certeza. Na Modernidade Líquida, os indivíduos parecem sentir a pressão informacional sobre suas cabeças. Correm para inteirar-se assim como correm para seguir e conquistar modelos ideais. Buscam atualizar-se de forma rápida e conectada em sua maioria, através de sites, aplicativos ou redes sociais virtuais, e também dos dispositivos eletrônicos que mediam suas comunicações de forma quase instantânea. Querem tudo para ontem. Anseiam pelo futuro ao mesmo tempo em que o temem devido às tantas instabilidades que constantemente se apresentam. Quando se sentem desatualizados, entristecem-se na angústia do “estar por fora”, ou do perder possíveis oportunidades presentes e futuras. Além disso, atrair a atenção destes indivíduos é tarefa árdua. Além disso, por sua vez, a sociabilidade mostra-se em alta através da virtualidade. Talvez uma

sociabilidade com outros afetos e valores, diferenciados dos antes conhecidos. Mais desapegada e fragmentada, onde os laços afetivos ora ou outra, pouco importam.

Segundo Bauman em suas explanações, o sujeito líquido também deseja tanto a liberdade como a segurança, e essas relações, portanto, percorrem aproximando-se ou distanciando-se de uma ou de outra, sem contentar-se em nenhum momento, uma vez que para ele seria impossível ter segurança e liberdade ao mesmo tempo, pois uma elimina parte da outra.

> No mundo líquido-moderno, a solidez das coisas, assim como a solidez dos vínculos humanos, é vista como uma ameaça: qualquer juramento de fidelidade, qualquer compromisso a longo prazo (e mais ainda por prazo indeterminado) prenuncia um futuro prenhe de obrigações que limitam a liberdade de movimento e a capacidade de perceber novas oportunidades (ainda desconhecidas) assim que (inevitavelmente) elas se apresentarem. (Bauman, 2010, p. 40 e 41).

> A perspectiva de se ver restrito a uma única coisa a vida inteira é repulsiva e apavorante. O que não surpreende, pois todos sabem que até os objetos de desejo logo envelhecem, perdem o brilho num segundo e, de símbolos de honra, transformam-se em estigmas de infâmia. (Bauman, 2010, p. 41).

Questionemos então: na condição de discente, este mesmo indivíduo, como ele aprende? E na condição de docente, este indivíduo, como ele ensina? Como estabelecem suas relações interpessoais? Para Bauman (2009, p.41), “o significado da educação não é o único caso em que as percepções das “classes docentes (mais comumente, intruístas)” e das “classes discentes (intermitentemente chamadas de povo ou massas)” divergem.”

> O primeiro pressuposto justificava a necessidade e os benefícios da transmissão do conhecimento dos professores aos alunos. O segundo infundia nos professores a autoconfiança necessária para esculpir na personalidade dos alunos, como fazem os escultores com o mármore, a forma que se presumia sempre justa, bela, boa e, portanto, virtuosa e nobre. Se as conclusões de Jaeger são corretas (e não foram refutadas), a "educação, tal como a conhecemos", está em maus

> lençóis, pois hoje seria necessário um grande esforço para sustentar qualquer um desses pressupostos, e um esforço ainda maior para considerá-los evidentes em si mesmos. (Bauman, 2010, p. 44).

Após a interpretação dos resultados e na intenção de gerar novas reflexões, questiona-se: como os protagonistas do Ensino Superior entendem a Educação? Essa e outras questões emergem de inúmeros efeitos pós-modernos e são em partes respondidas aos poucos, gerando novos questionamentos, por meio de novas linhas de estudos e pensamentos.

É perceptível a necessidade da temática pesquisada e apresentada em resultados, anteriormente, uma vez que alguns paradigmas parecem aclamar por serem quebrados. A ideia de um espaço educacional com processos de ensino cada vez mais inclusivos, colaborativos (*off-line* e *online*) e de diálogos abertos remodelando estereótipos dos próprios protagonistas do Ensino Superior, floresce por meio de rastros, ou mesmo índices no cotidiano escolar.

O relacionamento Professor e Aluno no Ensino Superior, ou seja, a maneira como se comunicam e se percebem, certamente sofreu e sofrerá adaptações significativas, possibilitando novas metodologias e abordagens de ensino, para compreender os alunos como seres diferentes e ao mesmo tempo, como seres de direitos iguais no aspecto do apreender. Um aprender, também interessado cada vez mais na formação do indivíduo social e não simplesmente profissional. Um indivíduo que olha, ouve e sente aquilo que realmente pode e deve fazer a diferença.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é Contemporâneo? E outros ensaios**. Chapecó. SC: Argos, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Retropia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à nossa porta**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BAUMAN, Zygmunt. **Babel**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo Parasitário: e outros temas contemporâneos.** Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **Legisladores e Interpretes: Sobre Modernidade, Pós Modernidade e Intelectuais**. Tradução de Renato Aguiar 1ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**: A transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**.Rio de Janeiro : Zahar, 2004.

BOSI, A. **Considerações sobre o tempo e a informação.** Disponível em: < http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/bosiinternet.pdf > Acesso em: 12/08/2011 e 14/10/2016.

BRANDÃO, C. R(Org.). **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. 6ª Ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002.

DEMO, Pedro. **Metodologia do Conhecimento Científico**. São Paulo: Atlas, 1981.

EMERSON, Ralf Waldo. **Ensaios.** Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix. p.11-33: O intelectual americano.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na pós-modernidade**. 10ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Felicidade Paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. São** Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 3. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2002.